

*We feel that even when all possible scientific questions have been answered, the problems of life remain completely untouched. Of course there are then no questions left, and this itself is the answer.*

Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus*



---

<sup>1</sup> Maria Laura Bettencourt Pires é Professora Catedrática, Investigadora Sénior do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura e Directora da revista electrónica *Gaudium Sciendi* da Sociedade Científica da Universidade Católica. Entre as suas actividades destacam-se: a docência e a coordenação (cursos de Mestrado e Doutoramento; Secção das Ciências Sociais da Sociedade Científica da UCP e Projectos de Investigação). Ensinou também nas Universidades Nova e Aberta e, nos EUA, Georgetown, Brown e Fairfield. Publicou: *As Humanidades e as Ciências—Dois Modos de Ver o Mundo* (Co-editora, 2013); *Intellectual Topographies and the Making of Citizenship* (Co-editora, 2011) e como autora, *Intelectuais Públicas Portuguesas - As Musas Inquietantes* (2010), *Ensino Superior: Da Ruptura à Inovação* (2007), *Teorias da Cultura* (<sup>3</sup>2011, <sup>2</sup>2006, <sup>1</sup>2004), *Ensaio-Notas e Reflexões* (2000), *Sociedade e Cultura Norte-Americanas* (1996), *William Beckford e Portugal* (1987), *História da Literatura Infantil Portuguesa* (1982), *Portugal Visto pelos Ingleses* (1980), *Walter Scott e o Romantismo Português* (1979), além de vários editoriais, prefácios, ensaios e artigos em volumes de homenagem, revistas e enciclopédias.

O título "As Ciências e as Humanidades – Dois Modos de Ver o Mundo" que escolhi para este artigo<sup>2</sup>, irá, inevitavelmente, orientar a minha reflexão no sentido de analisar o tema da separação e da dessintonia entre as teorias epistemológicas das Ciências e das Humanidades que, desde há séculos, dividem a sociedade e o mundo universitário.

Sinopticamente, pode dizer-se que as primeiras, por vezes designadas como Ciências Exactas, exploram a forma como nos tornámos humanos e as segundas, que antes eram nomeadas, de um modo redutor, como "Letras" - sendo assim identificadas prioritariamente com a literatura - analisam aquilo que significa ser humano. Esta diferença, que se pode considerar simultaneamente subtil e monumental, era também tão polarizante que, de certo modo, impedia uma resposta satisfatória a ambas as questões em estudo.

Ao considerarmos a evolução da designação de "Letras" para "Humanidades", que actualmente utilizamos, somos forçosamente levados a pensar na denominação das Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra, que mantêm a palavra "Letras" nas suas respectivas nomeações desde que foram criadas. Na Universidade de Lisboa – que, como é do conhecimento geral, foi fundada em 1290 com o nome de "Estudo Geral" - foi estabelecida, por D. Pedro V, em 1859, uma instituição primeiramente designada como "Curso Superior de Letras" e depois, em 1911, como "Faculdade de Letras" e que, hoje em dia, se dedica ao ensino das Humanidades (Literatura, Linguística, História, Filosofia e Geografia), tal como podemos ler no seu *site*. Também na Universidade do Porto, a Faculdade de Letras, criada em 1919, ministra actualmente cursos em áreas tão diversas como Arqueologia, Ciências da Comunicação, Ciências da Linguagem, Didáctica, Estudos Culturais, Filosofia, Geografia, História, História da Arte, Línguas Clássicas e Estrangeiras, Literatura, Museologia, Relações Internacionais, Sociologia, Tradução e Turismo. E, na Universidade de Coimbra – que foi definitivamente estabelecida, em 1537, acompanhando a

---

<sup>2</sup> Este artigo tem por base o texto da conferência com o mesmo título, proferida pela autora na Casa-Atelier Vieira da Silva, em 14 de Abril de 2015, no âmbito de uma sessão do projecto "Cobaias Intelectuais".

transferência da Corte de Lisboa para aquela cidade – na Faculdade de Letras, criada em 1911, ensina-se História, Estudos Artísticos, Estudos Clássicos, Estudos Europeus, Filosofia, Geografia.

Por outro lado, ao analisarmos a criação das Faculdades da área das Humanidades em Universidades fundadas mais recentemente, verificamos que estas já não são designadas como sendo "de Letras". Assim aconteceu com a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, que foi criada em 1977 e está vocacionada para a investigação e o ensino nas áreas de ciências humanas e sociais, tendo por missão promover a pesquisa, o pensamento crítico e o ensino no campo das Artes, das Humanidades e das Ciências Sociais. Como pode ler-se no seu *site*, onde nunca surge a palavra "Letras", a sua actividade inscreve-se no âmbito dos saberes relativos ao ser humano no tempo e no espaço, às artes e à cultura, à memória e às línguas e aos respectivos usos sociais e dimensão política, incluindo também uma reflexão permanente sobre o estatuto, as possibilidades e os limites desses saberes.

Relativamente à Universidade Católica Portuguesa, cuja fundação, em 1971, resultou da concepção, em 1934, do Instituto Beato Miguel de Carvalho e cuja primeira Faculdade foi a de Filosofia, criada em 1971, pode considerar-se que está desde o seu início ligada à área das Humanidades, obviamente com relevo da Teologia, mas cuja Faculdade de Ciências Humanas, fundada em 1972, está actualmente organizada em cinco áreas científicas - Ciências da Comunicação, Estudos de Cultura, Filosofia, Ciências Sociais e Ciências Psicopedagógicas – não sendo igualmente referida a palavra "Letras" no seu *site*.

Ao reflectirmos sobre os desafios contemporâneos que as Humanidades enfrentam, podemos concluir que, dado o fascínio pela descoberta e a natureza fundacional que caracteriza este domínio do saber, as anteriormente designadas como "Letras", como acima referido, se encontram numa posição privilegiada para facultar um conhecimento consciente – e hoje em dia muito necessário - da história das ideias, da formação das identidades e da construção de um imaginário comum. Além de, actualmente, terem de modelar a formação que dão para o futuro e de ensinar os estudantes a viverem "com arte e com as artes", a sua matriz transversal deve iniciá-los num mundo de mistério que alimenta séculos de História e de Teoria da Cultura, alargando assim os seus horizontes de compreensão do presente e preparando o caminho da inovação para o exercício de múltiplas actividades, como a criação

artística e outras antes não consideradas como, por exemplo, o turismo e a edição<sup>3</sup>. Deste modo, apoiam-se na solidez da tradição para apostar de forma segura na inovação, recorrendo às novas tecnologias para apoio às actividades pedagógicas e à divulgação da cultura, como, por exemplo, o recurso ao *b-learning* e a criação de bibliotecas digitais especializadas.

Como reforço das afirmações anteriores, e continuando a reflectir sobre a importância das Humanidades no mundo actual<sup>4</sup> – tanto mais que a área das Ciências não necessita de qualquer defesa na nossa cultura mercantilista que apenas vê na formação académica a importância das saídas profissionais - podemos pensar que é incontestável que o imaginário da Antiguidade Clássica é uma das maiores fontes de inspiração da pintura, do teatro e do cinema na contemporaneidade, revelando assim, portanto, a sua capacidade para se adaptar à evolução dos tempos e a sua contribuição para uma reflexão crítica sobre os nossos dias.

É também inegável que alguém que seja proveniente de uma área diferente, como, por exemplo, as Ciências Naturais<sup>5</sup> ou a Medicina, encontrará numa aproximação às Ciências Humanas uma componente basilar desses estudos no contexto mundial, por exemplo, no âmbito dos Estudos Clássicos, na história, cultura e literatura greco-romanas, assim como em todas as ramificações que destas derivam e que potenciaram o grande conjunto a que hoje chamamos Ciências Humanas. Poderá igualmente à medida que avança com as suas investigações aperceber-se de outras vantagens, tais como: a aquisição de competências

---

<sup>3</sup> A formação profissional de estudantes das Humanidades nesta área é muito importante por o sector livreiro estar a atravessar um processo de modernização em constante evolução que acarreta consequências importantes na era digital e também devido ao papel que desempenha no desenvolvimento social, económico, cultural, científico e artístico em todo o mundo.

<sup>4</sup> A este propósito, é de referir que o Ministério da Educação passou a ser designado como Ministério da Educação e Ciência e que a instituição responsável pelo financiamento de projectos de investigação em Humanidades tem a designação de Fundação para a Ciência e a Tecnologia, tendo sido antes Junta de Educação Nacional e Instituto de Alta Cultura.

<sup>5</sup> Como se pode ler em qualquer enciclopédia, a designação Ciências Naturais abarca as áreas que estudam a natureza nos seus aspectos mais gerais e fundamentais, isto é, o universo como um todo, entendido como regulado por regras ou leis de origem natural e com validade universal. Focam os aspectos físicos e não o homem ou o seu comportamento. Para as Ciências Naturais, o ser humano é simplesmente parte integrante da natureza e não algo especial dentro dela, por isso, está sujeito às mesmas regras naturais que regem todos os acontecimentos físicos, químicos e biológicos do universo.

para a tradução<sup>6</sup> e investigação filológica; o trabalho de edição livreira; a prática teatral no âmbito da promoção de espectáculos; o desenvolvimento de trabalho como bibliotecário e, através da colaboração com um centro de investigação, poderá também disseminar o mais possível os resultados das suas pesquisas, colaborando, p. e., no desenvolvimento de projectos na área das Humanidades Digitais. Ao aceder à matriz do nosso património cultural, poderá verificar que, a partir dela, se podem encontrar as raízes do presente e interferir no futuro.

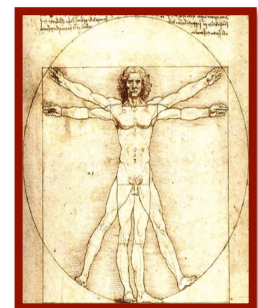
Analisando as descrições das Faculdades recentemente criadas na área das Humanidades, verifica-se que a sua missão de serviço público é qualificar ao mais alto nível os cidadãos, promovendo a excelência, a interdisciplinaridade e a internacionalização. Através da dinamização de várias iniciativas num ambiente vivo e dinâmico de investigação, debate e ensino, aprofundam-se os saberes e cruzam-se as perspectivas em domínios tão variados como: Antropologia, Ciências da Comunicação, Ciências Musicais, Estudos Políticos, Estudos Portugueses, Filosofia, Geografia, História, Estudos Artísticos, Línguas, Culturas e Literaturas Modernas, Estudos Políticos e Sociologia.



Embora a noção de *humanitas* esteja relacionada com o tipo de educação adequada a um 'ser humano', desde o século XIX que é geralmente interpretada como aquilo que hoje designamos como "cultura literária" ou "Letras". Falar de Humanidades implica um modelo de unidade baseada numa certa ideia de *humano*, quer como oposto ao *divino* (como no humanismo medieval, escolástico) ou ao mundo animal não-humano.

Porém, esta noção inicial, relativamente estável de humano foi, desde o Renascimento, substituída por uma concepção mais activa, na qual a dinâmica desestabilizadora da produção criou uma necessidade cada vez mais premente de um modelo de unificação.

A este propósito, é de referir que, desde o Renascimento, se sentia a carência da referida união quando se considerava que o famoso desenho que Leonardo Da Vinci intitulou *Le proporzioni del corpo*



<sup>6</sup> Nas bibliotecas em todo o mundo, há milhares de documentos escritos em línguas antigas que muitos gostariam de ler e cuja tradução para línguas modernas garantiria trabalho a gerações sucessivas de tradutores e classicistas.

*umano secondo Vitruvio*<sup>7</sup>, que é uma das suas mais belas tentativas de relacionar o Homem com a Natureza, demonstrava a combinação da Arte com a Ciência.



Samuel Weber

Por outro lado, e de um modo característico da nossa época, relativamente ao futuro das Humanidades, Samuel Weber, o autor de *Acts of Reading* (2006), interroga-se se haverá lugar para o estudo da literatura, da arte, da língua e da filosofia

num mundo progressivamente dominado por uma lógica económica de lucro e prejuízo e questiona-se sobre o objectivo destas disciplinas face às tecnologias. Pode concluir-se que a noção de 'humano' e as Humanidades, que antes eram definidas em função de uma capacidade de autodeterminação através do trabalho, foram seriamente destabilizadas pela tecnologia moderna e pelas relações económicas que ela serve.

Feitas estas considerações iniciais, iremos seguidamente referir-nos à situação actual e aos desafios contemporâneos que as Humanidades enfrentam. Verificaremos então que, nos nossos dias, no âmbito das Ciências Humanas, se têm dinamizado redes entre investigadores de uma forma nunca antes vista, construído pontes com as outras Ciências e quebrado barreiras disciplinares no seio das próprias Humanidades.

Para tal têm concorrido as recentemente criadas Humanidades Digitais e o seu potencial para estimular o mútuo conhecimento e a propagação de redes que ajudam igualmente a atravessar as fronteiras linguísticas e geográficas. Com esse objectivo, a Universidade de Oxford criou TORCH (The Oxford Research Centre in the Humanities), uma iniciativa que procura estimular e apoiar a investigação interdisciplinar e desenvolver as inúmeras potencialidades das Humanidades Digitais para a interdisciplinaridade no âmbito das Ciências Humanas e de outras áreas de conhecimento, bem como para a produção de um conhecimento mais acessível e aberto. No centro de investigação TORCH, na área das humanidades digitais, desenvolvem-se os principais programas de investigação relacionados com pesquisa visual; ambiente e humanidades; medicina e ciência e humanidades. Desde 1970, que a Universidade de Oxford tem tido um papel importante, tanto a nível nacional

<sup>7</sup> O original de 1490 feito à pena em papel encontra-se em Veneza no Gabinetto dei disegni e stampe da Gallerie del' Accademia e é exposto ao público apenas em raras ocasiões.

como internacional, no desenvolvimento e na utilização de recursos e dispositivos digitais para a investigação nesta área.

Há muito que a mútua influência da medicina e da sociedade tem sido um tema de estudo em Oxford. Alguns dos mais importantes centros de investigação em Ética da Medicina, Neurociência e História da Medicina dão-nos um foco para o estudo humanístico de medicina e dos determinantes sociais da saúde. A Universidade também organiza cursos sobre os aspectos médicos da filosofia, da antropologia e da história e seminários sobre "Literatura e Medicina", e em "Humanidades Médicas" nos quais leccionam docentes de todas as faculdades e departamentos. Deste modo, sob a designação de "Medical Humanities", docentes e investigadores de três secções da Universidade – Medical Sciences, Social Sciences e Humanities – têm a oportunidade de partilharem as suas vastas capacidades e sabedoria para encontrarem plataformas comuns para investigação e docência. Desta nova colaboração virá a resultar o maior fórum do mundo para Humanidades Médicas que irá, certamente, providenciar um recurso sem paralelo para o envolvimento público e profissional.

Noutras universidades, criaram-se cursos em "Humanidades e Ciências" que oferecem igualmente oportunidades para se considerarem os dois conjuntos de disciplinas e para se descobrir como interagem umas com as outras e como se complementam. Poder-se-á ver também como a literatura e a música reflectem os actuais desenvolvimentos em biologia e física, e para se aprender como todas as ciências se podem articular com as humanidades.

Relativamente às Humanidades Médicas, sabemos que, de acordo com o lendário médico grego Hipócrates (c. 460 – c. 370 a. C) - o autor do famoso Juramento Hipocrático, que todos os médicos proferem no final do curso antes de iniciarem a sua actividade profissional - a medicina é constituída por três componentes: a doença, o doente e o médico. A sua constituição e interacção são o domínio de uma nova área designada como Humanidades Médicas. Trata-se de um campo diferente e muito rico de estudo, que se debruça sobre disciplinas das humanidades, das ciências sociais e das artes. Além de proporcionar perspectivas sobre uma das mais básicas e universais preocupações humanas, estas novas disciplinas podem ter influência na ciência e na prática da medicina. Embora o nosso conhecimento das doenças e do seu tratamento tenham avançado muito, as decisões sobre quem e quando se faz o tratamento ou como evitar a doença, não podem ser feitas



apenas com base na ciência. Continuam a ser decisões éticas e políticas, reflectindo realidades económicas, regras culturais e percepções de risco socialmente condicionadas.

Ao considerar o tema deste artigo, é inevitável pensarmos nos objectivos da educação universitária que leva ao desenvolvimento da área das Humanidades ou das Ciências. Sabemos que Stanford, uma das mais famosas universidades americanas, foi fundada (1891) para educar explicitamente "cidadãos cultos e úteis" que, com o seu saber e cultura cívica, contribuíssem para a melhoria da sociedade. Podemos concluir que a missão central da universidade era providenciar uma educação que transformasse os estudantes em seres humanos mais sábios e participativos. Objectivo esse que continua a ser relevante hoje em dia, cento e vinte e quatro anos mais tarde, embora a definição de educação tenha mudado, passando a incluir procurar inspirar nos estudantes curiosidade sobre o mundo e levá-los a cultivar uma consciência cívica e a desenvolver hábitos de aprendizagem ao longo de toda a vida. Tanto as Humanidades como as Ciências providenciam estruturas diferentes de investigação e de solução de problemas, alargando as nossas perspectivas e desenvolvendo as capacidades para uma reflexão crítica e criativa.

Para alterar a situação actual das Humanidades concorrem vários factores, tais como: o desenvolvimento das já referidas Humanidades Digitais, como acontece em Torch na Universidade de Oxford; o envolvimento dos estudantes, tanto quanto possível, nas discussões e análises de forma a terem um papel activo na experiência das aulas, aprendendo a contribuir tanto quanto recebem; os cursos serem principalmente baseados em temas e explorarem uma variedade de assuntos relacionados com tópicos há muito tratados e também com matérias contemporâneas, de forma alargar a visão do mundo dos estudantes.

Neste âmbito, as questões relacionadas com a representação visual e o processo de apreensão da realidade têm vindo a ser discutidas desde Aristóteles, que privilegiava a visão sobre os outros sentidos (*Óptica*), e de Platão (*República*), até aos nossos dias com a teoria do olhar de Lacan e o "direito de olhar" de Derrida de que fala também Didi-Huberman. É ainda de referir que a pós-modernidade se caracteriza justamente pelo paradigma da visualidade e da tomada de consciência da importância da construção visual no mundo<sup>8</sup>. A

---

<sup>8</sup> Sobre este assunto, ver M. Merleau-Ponty, *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1964; Jacques Lacan, *Le Séminaire, Livre 11, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil,



este propósito, é de citar também Fredric Jameson, que afirma que: "... the only way to think the visual, to get a handle on increasing, tendential, all-pervasive visuality as such, is to grasp its historical coming into being."<sup>9</sup>

Actualmente, no sector das Humanidades, devido a estudos sobre as teorias epistemológicas, temos percepção das estratégias ideológicas do passado e procuramos ter uma consciência colectiva. Para atingirmos estes objectivos temos de focar novas perspectivas sobre alguns dos dilemas que mais ansiedade têm vindo a provocar na nossa era e analisar temas e conceitos que tenham implicações epistemológicas em áreas que vão da filosofia à ciência. Podemos, por exemplo, estudar as relações entre a produção de conhecimento e as práticas de poder ou debruçarmo-nos sobre a *Standpoint Theory* ou Teoria do Perspectivismo, uma metodologia que expandiu os horizontes do saber. Quanto à definição de conceitos, sabemos que a Epistemologia está relacionada com o conceito do próprio homem e da sua relação com o mundo. Para definir bem esta relação, temos de analisar os estados de espírito considerados como "conhecimento". Para John Greco<sup>10</sup>, o domínio da epistemologia é investigar o que é conhecimento, a forma como pensamos sobre ele e como funciona a linguagem da avaliação epistémica. Contudo, hoje em dia afirma-se frequentemente que a teoria está em declínio e surge a inovadora noção de Pós-teoria com o actual privilégio dado a um discurso sobre testemunho.

Wittgenstein, em *Philosophical Investigations*<sup>11</sup>, foi o primeiro a alertar-nos para a complexidade e ambiguidade da percepção, que é condicionada pelo enquadramento sociocultural. Para funcionarem como veículos do pensamento, as imagens têm de ser interpretadas e não determinam o significado das ideias. O problema reside no modo como as palavras "ver" e "interpretar" são conceptualizadas. Para este famoso teórico: *interpreting is an action*.

No contexto pós-moderno, marcado por profundas mudanças resultantes do advento da sociedade informacional, a questão referente à formação interdisciplinar dos indivíduos tem vindo a ser muito debatida nos espaços educativos. Aqueles que estão mais voltados para a

---

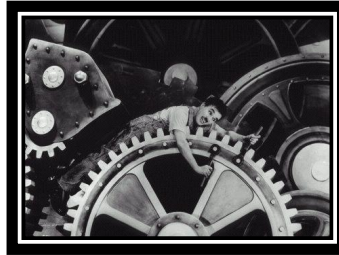
1973; Marie-Françoise Plissart, *Droits de Regards*, Paris: Éditions de Minuit, 1985; Georges Didi-Huberman, *Images in Spite of All*, Chicago: University of Chicago Press, 2008 e Isabel Gil, *Literacia Visual-Estudos sobre a Inquietude das Imagens*, Lisboa: Ed. 70, 2011.

<sup>9</sup> Fredric Jameson, *Signatures of the Visible*, New York: Routledge, 1992, p. 1.

<sup>10</sup> V. *Achieving Knowledge: A Virtue-Theoretic Account of Epistemic Normativity*, Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

<sup>11</sup> Ludwig Wittgenstein, *Philosophical Investigations*, Oxford: Blackwell, 1963.

nova configuração global do mundo do trabalho e da produção, defendem que a preocupação central da educação deve ser, principalmente, formar uma "mão-de-obra competente". A este propósito, ocorre-nos a conhecida afirmação de Antonio Gramsci<sup>12</sup>: "Os métodos de trabalho estão indissoluvelmente ligados a um determinado modo de viver, de pensar e de sentir a vida".



Consequentemente, um dos objectivos deste ensaio é analisar as problemáticas da chamada "ruptura epistemológica" e da mudança paradigmática inerente à metodologia interdisciplinar com o objectivo de estabelecer articulações entre os novos saberes. Trata-se de uma reflexão crítica sobre esta postura inovadora e sobre o facto de a ciência moderna dever reconfigurar as suas epistemologias<sup>13</sup> e o seu paradigma científico e social. Ao reflectir sobre esta fase de transição paradigmática e as suas consequências e implicações, para além da teorização das relações epistemológicas entre as Ciências e as Humanidades, convém sublinhar que, como já referi, actualmente a relação do homem com a natureza e com os outros se faz sobretudo através do primado da técnica. Temos também de estar conscientes de que o actual modelo do paradigma de racionalidade científica assim como o sentido de posse da verdade derivam do dualismo fundador exposto por Descartes no século XVII no seu *Discours de la méthode*<sup>14</sup>.

No contexto actual de ruptura epistemológica, que se pode considerar de crise do paradigma da racionalidade científica formal ou instrumental, reavaliam-se as teorias e a pertinência entre o saber e o poder e questiona-se a objectividade de um conhecimento que não aceite uma concepção diferente da verdade. Contesta-se também que a única forma de conhecimento válido seja a de uma ciência, cuja objectividade decorre da separação entre a

<sup>12</sup> A. Gramsci, *Selections from the Prison Notebooks* (Q. Hoare & G. Nowell Smith, Ed. and Trans.). New York: International, 1971.

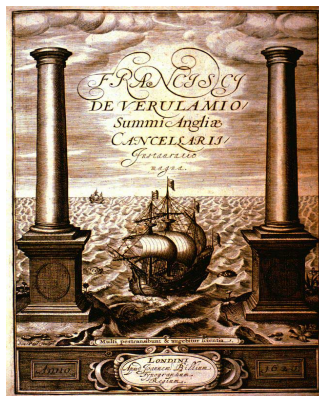
<sup>13</sup> Ver Boaventura Sousa Santos, *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*, Porto: Afrontamento, <sup>6</sup>1989, (p. 137) e *Um Discurso sobre as Ciências*, Porto, Afrontamento, <sup>15</sup>1988.

<sup>14</sup> O subtítulo da obra, que foi publicada em 1637, é *Pour bien conduire sa raison, et chercher la vérité dans les sciences*.

teoria e a prática ou entre o saber e a ética e cujo paradigma tenda a reduzir o universo de análise ao mundo dos quantificáveis e a exactidão do conhecimento ao rigor matemático.

Estes sinais de crise e questionamento fazem parte do estado actual de conflitos, incertezas e dissoluções que caracterizam a nossa época e são amplamente referidos por analistas sociais, como Boaventura Sousa Santos (2010), que considera que estamos num estado de transição no que se refere ao "fazer científico", que data do início do século XX com as descobertas da física quântica, que vieram fragilizar o paradigma dominante da ciência moderna. Justifica-se, pois, que se discutam os valores dessa ciência e a sua base teórico-metodológica, tanto mais que o seu paradigma, que data de Newton e Descartes, veio a influenciar as Humanidades.

O referido domínio paradigmático, que dá realce à matemática e considera que apenas se obtém conhecimento através de um empirismo rigoroso, deu origem às dicotomias entre "matéria" e "ideia" de que falava Descartes, e, portanto, entre as actuais Ciências e Humanidades e que tinham já levado Francis Bacon (1561-1626), no século XVI, a afirmar que a ciência deveria dominar a natureza e superar os saberes aristotélicos e medievais<sup>15</sup>.



The New Organon

<sup>15</sup> Ver *The New Organon-True Directions concerning the Interpretation of Nature*. A obra simbolicamente intitulada *Novo Instrumento* foi publicada em *Instauratio Magna* (1620) e contém os pensamentos de Bacon sobre um novo modo de olhar o pensamento científico e de se afastar dos métodos aristotélicos. A noção de que se deve ultrapassar a autoridade dos antigos está expressa na metafórica imagem da capa da edição que representa um barco a passar além dos míticos pilares de Hércules, que marcavam o fim do mundo conhecido.

Feitas estas reflexões, podemos concluir que as forças sociais, cujas práticas tecnológicas e económicas são influenciadas pelo conhecimento científico, contribuíram para instituir o primado da ciência e para que ela fosse interpretada como universal e sem limites ou fronteiras. Essa primazia levou também a que, ao traçarem a trajectória do futuro, não considerassem o surgimento de possibilidades transformadoras, algumas delas até então imprevisíveis, que não eram identificadas com o conhecimento científico e que viriam a acabar com o chamado monopólio da ciência e das tecnologias por ela sancionadas. Deixariam também de marginalizar, desprezar, silenciar e muitas vezes eliminar violentamente dos espaços por elas controlados os outros saberes, assegurando que, deste modo, se manteria a ignorância sobre certos temas debatidos nesses domínios<sup>16</sup>, limitando o horizonte das possibilidades e estabelecendo-se a desigualdade entre os diferentes modos de ver o mundo e de saber.

Das nossas palavras não pode, obviamente, concluir-se que as ciências não providenciam um conhecimento essencial em domínios importantes e fundamentais, como a tecnologia, apenas se questiona a interpretação generalizada da ciência como universal, exclusiva e capaz de compreender tudo e se procura uma interpretação que se adapte melhor ao nosso mundo. Pretende-se que haja um debate epistemológico sobre a actual transição paradigmática e sobre a articulação entre ciência, poder e sociedade que leve à superação da dicotomia Ciências/Humanidades e defenda a tese da contextualização de todo o conhecimento. As mudanças ocorridas nos modos de vida social e cultural no nosso "bewildering new world space" em que reina a "aesthetics of singularity"<sup>17</sup>, tal como nos diz Fredric Jameson, estão patentes nas demonstrações culturais, científicas e artísticas e, conseqüentemente, tiveram influências sobre a ciência e sobre o modo como nos relacionamos com ela. Impõe-se, portanto, que façamos uma reflexão crítica e uma análise das problemáticas da referida transição e da sua dimensão epistemológica. Todas as transformações ocorridas deram origem a novas categorias, conceitos e interpretações e fazem-nos considerar as possibilidades das dinâmicas relacionais entre as duas grandes

<sup>16</sup> B. Sousa Santos designa esta atitude como "epistemicide" e "cognitive injustice". Vidé *Another Knowledge is Possible: Beyond Northern Epistemologies*, London: Verso, 2007; *Cognitive Justice in a Global World: Prudent Knowledges for a Decent Life*. Lanham: Lexington Books, 2007.

<sup>17</sup> Fredric Jameson, *Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism*, Durham: Duke University Press, 1991.

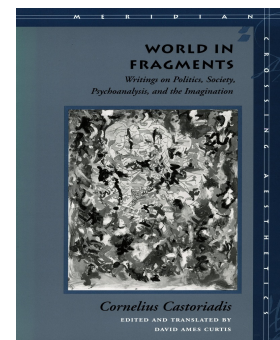
áreas do saber e a hipótese da metodologia interdisciplinar como um instrumento válido para a sua articulação.

Ao reflectirmos sobre o "World in Fragments"<sup>18</sup> em que vivemos apercebemo-nos das desvantagens das separações estabelecidas pelo paradigma científico instituído há cerca de quatro séculos e que, entretanto, se tornou obsoleto pois, tal como nos diz Manuel Castells<sup>19</sup>: "...estamos a viver um desses raros intervalos da história. Um intervalo cuja característica é a transformação de nossa 'cultura material' pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação...".

As já referidas alterações ocorridas na economia, na política e na cultura têm obviamente implicações na educação que, estando ainda influenciada pela modernidade, também se transformou devido ao avanço das novas tecnologias de informação e comunicação. Essa actualização implica também uma visão interdisciplinar, que tem como um dos seus objectivos a formação global dos estudantes e não apenas a sua preparação para o mercado de trabalho mas para a vida na sociedade e para uma eventual actuação de cidadania, devendo caracterizar-se por aquilo que é designado como "democracia dialógica".

Se reflectirmos sobre o mundo actual e procurarmos soluções para os seus problemas, temos de mudar a nossa maneira de pensar e passar de um paradigma da simplicidade (mecânico, reducionista e linear) para o paradigma da complexidade (dinâmico, aberto e interdisciplinar).

Esta transição paradigmática implica grandes modificações nas instituições educativas pois vivemos num mundo dominado por uma cultura de consumo generalizada, que – tal como nos diz Castoriadis<sup>20</sup> - leva os indivíduos, embora angustiados, perplexos e inseguros, a estarem mais interessados em "escolher entre um Citroën e um Renault, ou entre os produtos de Estée Lauder e os de Helena Rubinstein" do que na "sua condição de Ser e Estar-no-mundo".



Tal como o grande teórico cultural Castoriadis, também entre nós, Aníbal Pinto de

<sup>18</sup> Ver Cornelius Castoriadis, *World in Fragments: Writings on Politics, Society, Psychoanalysis, and the Imagination*. [WIF]. (ed./trans. David Ames Curtis), Stanford, CA: Stanford University Press, 1997.

<sup>19</sup> *The Network Society: From Knowledge to Policy*. Washington, DC: Center for Transatlantic Relations, 2006; *Mobile Communication and Society: A Global Perspective*. Cambridge, MA: MIT Press, 2006.

<sup>20</sup> Ver nota 16.

Castro<sup>21</sup>, a propósito do papel das Humanidades na universidade no século XXI, afirma que, no nosso tempo, há "uma espécie de mística de cientismo técnico" que ameaça o Humanismo. Contudo, apesar de as Humanidades, desde a época clássica e do Renascimento, constituírem a base imprescindível para a formação integral do Homem, na nossa era – além de a educação estar num "estado crónico de reformas nunca concluídas" – os responsáveis pelas universidades empenham-se sobretudo na chamada revolução resultante das novas técnicas de comunicação e em vender um "produto" que lhes traga o requerido financiamento do que em reflectir criticamente sobre a qualidade do ensino que ministram e ou sobre o seu real valor para a formação dos estudantes. Contudo, desde a *paideia* grega às *humaniores litterae*, que, a partir do Renascimento, as Humanidades ofereceram, embora com naturais oscilações, a base essencial da formação integral do Homem. O tesouro cultural das Humanidades deve ser continuamente enriquecido através de constantes actualizações e estar aberto às inúmeras virtualidades das Ciências a fim de preencher o nosso espírito neste "mundo fragmentado" e o seu estudo deve ter um papel importante na Universidade.

Ao falarmos de Humanidades e Ciências, poderá parecer que estamos a apresentar mais uma das falsas dicotomias características do mundo universitário hoje em dia. A este propósito, ocorre-nos o debate "humanismo *versus* antihumanismo" e as referências de Louis Althusser, que via um "humanismo residual" no Estalinismo<sup>22</sup> ou as declarações de Jacques Derrida relativamente a um "humanismo metafísico" na famosa *Rektoratrede* de Heidegger, que outros consideram de inspiração nazi<sup>23</sup>.

Tendo em conta a vasta "reconstrução da sociedade", conforme a designação de Cornelius Castoriadis<sup>24</sup>, podemos repetir a sua pergunta e interrogarmo-nos se essa sociedade é susceptível de mudança. De acordo com a abordagem deste teórico, é a própria sociedade, corporizada nas suas instituições, que se institui, não sendo, portanto, um produto da Natureza, da Razão ou de Deus, e, conseqüentemente, cria o seu próprio mundo. O modo como vemos o mundo depende da teoria epistemológica que seguimos e apesar dos múltiplos sucessos que uma dessas perspectivas – como, p. e., a das Ciências - proclame ter obtido, as Humanidades devem ter o espírito aberto à inovação e procurar realizar um

<sup>21</sup> Ver *Destaques*, no site da Sociedade Científica da Universidade Católica.

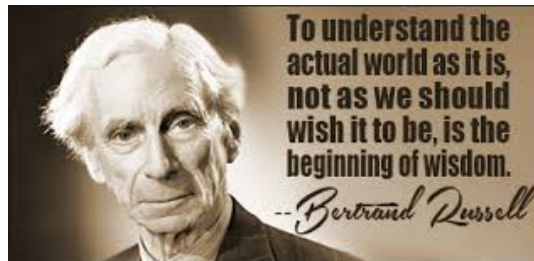
<sup>22</sup> Louis Althusser, "Marxism and Humanism", *Cahiers de l'I.S.E.A.*, 1964.

<sup>23</sup> Jacques Derrida, *Of Spirit-Heidegger and The Question*, Chicago: university of Chicago Press, 1989.

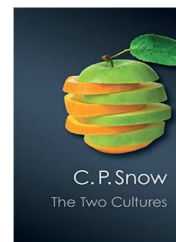
<sup>24</sup> Vidé *Dictionary of Cultural Theorists* (eds. Ellis Cashmore/Chris Rojek), London: Arnold, 1999.

trabalho intelectual interdisciplinar e interinstitucional. Ao fazê-lo, as Ciências Humanas comprovarão que têm valor e são necessárias e que nos ajudam a explorar aquilo que nos une e também o que nos torna únicos, isto é, a magia e o mistério do ser humano.

Entre os teóricos que reflectiram sobre o tema, destaca-se Bertrand Russell (1872-1970) que, nas suas conhecidas obras<sup>25</sup>, desenvolveu uma concepção humanista de educação que envolve um conjunto complexo de capacidades, *skills*, disposições e atitudes que, em conjunto, delineiam uma virtude que tem aspectos intelectuais e morais. Os seus pensamentos sobre reflexão crítica são de enorme importância para a compreensão da natureza dos objectivos educativos.



Das inúmeras referências bibliográficas actuais que se poderiam fazer sobre o tema em análise, impõe-se que comecemos por mencionar a famosa obra de C. P. Snow, publicada em 1959, cujo título *The Two Cultures and The Scientific Revolution* cunhou a expressão "duas culturas"<sup>26</sup>.



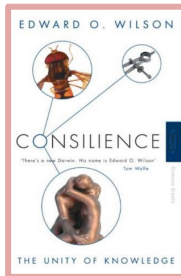
Mais recentemente, em 1998, foi E. O. Wilson que falou da necessidade de unir as duas áreas do saber, na sua conhecida obra *Consilience: The Unity of Knowledge* e declarou:



<sup>25</sup> *On Education*, London: Routledge, 2009 [1926] e *Fact and Fiction*, London: Routledge, 2009 [1961].

<sup>26</sup> A conferência que está na base da obra faz parte das "Rede Lectures" e foi proferida em 7 de Maio de 1959 na Senate House da Universidade de Cambridge.





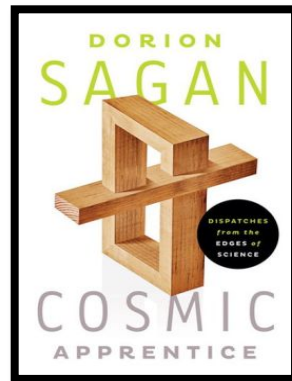
"Desde o esmorecer do Iluminismo original durante o fim do século XVIII e início do XIX, que existe um teimoso impasse na convergência das humanidades e das ciências naturais. Uma maneira de o quebrar é cotejar o processo criativo e os estilos de escrita da literatura com a investigação científica. Isto pode não ser tão difícil como parece à primeira vista. Inovadores em ambos os domínios são basicamente sonhadores e contadores de histórias."

Em Ciência e em História, consiliência (no sentido de convergência de evidência ou concordância de provas) refere-se ao princípio de que as provas provenientes de fontes independentes e não relacionadas "convergem" para darem conclusões fortes. Consiliência tem as suas raízes no antigo conceito grego de uma ordem intrínseca que governa o nosso cosmos.



Também Theodor Adorno (1903–1969)<sup>27</sup>, o fundador da Escola de Frankfurt e famoso autor de *Dialektik der Aufklärung* (1944), defende um projecto de libertação do homem por meio da formação académica, porém, essa formação deve ter uma amplitude humanística. Para Adorno, o ensino é uma arma de resistência à indústria cultural na medida em que contribui para a formação da consciência crítica e permite que o indivíduo desvende as contradições da colectividade. Para entender o pensamento de Adorno em relação à educação, é importante compreender as críticas que ele faz à indústria cultural, vista como a responsável por prejudicar a capacidade humana de agir com autonomia.

<sup>27</sup> *Erziehung zur Mündigkeit. Vorträge und Gespräche mit Hellmuth Becker 1959-1969.* Frankfurt am Main: Gerd Kadelbach, 1970, pp. 110-125.



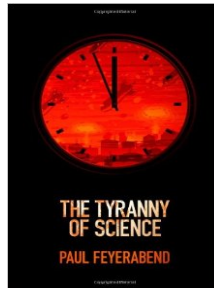
Dorian Sagan, o conhecido "filósofo da ciência", na sua obra *Cosmic Apprentice – Dispatches from the Edges of Science* (2013) contesta a concepção generalizada de que a ciência é racionalmente objectiva e "uma fonte de Verdade com V maiúsculo" e, lembrando-nos que todos os conceitos e teorias científicas foram gerados por uma mente humana subjectiva e falível, afirma:

"A diferença entre a ciência e a filosofia reside no facto de o cientista aprender cada vez mais sobre cada vez menos até que sabe tudo sobre nada, enquanto o filósofo aprende cada vez menos sobre cada vez mais até que não sabe nada sobre tudo."



Este gracejo inteligente é verdadeiro mas, tal como Niels Bohr declarou, enquanto o oposto de uma verdade insignificante é falso, o oposto de uma grande verdade é outra grande verdade.

Dorian Sagan considera que: "Algumas perspectivas e algumas teorias dão origem a muitas novas perguntas, novos dispositivos e modos mais ricos de ver o mundo. Estes devem ser considerados não apenas como igualmente verdadeiros e produtivos mas também como belos e estimulantes, como poemas ou pinturas, com a diferença que o seu meio não são pigmentos ou palavras mas sim a nossa percepção e intelecto."

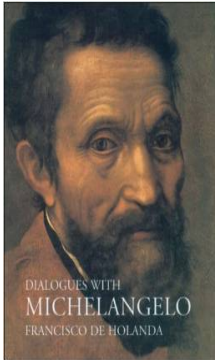


Nesta sua última obra que, embora escrita em 1993 apenas foi publicada em 2011, Paul Feyerabend (1924-1994) desafia alguns dos mitos modernos sobre a ciência como a afirmação de que a "ciência tem sempre sucesso". Declara que algumas das suposições científicas muito básicas são simplesmente falsas e que partes substanciais da ideologia da ciência foram criadas a partir de generalizações superficiais, que levam a conceitos falsos e absurdos sobre a natureza da vida humana. Considera que, em vez de resolverem os problemas prementes da nossa era, as teorias científicas glorificam generalidades efémeras em lugar de confrontarem as particularidades verdadeiras que dão sentido à vida.

Inspirada nas ideias de Feyerabend e dos outros autores acima citados, gostaria de com este artigo concorrer um pouco para a promoção, em Portugal, de um conceito, que se poderia designar como "Novas Humanidades", com o objectivo de criar "um estado de espírito aberto". Considero que é importante fazê-lo porque as Humanidades são não apenas um meio para elevar a qualidade das nossas vidas mas são realmente vitais para termos uma sociedade salutar onde haja a compreensão e o respeito requeridos para criarmos um mundo que pense mais e seja justo. Sabemos que o estudo da Literatura nos dá perspectiva e empatia, que através das lentes da História compreendemos melhor o presente e, conseqüentemente, melhoramos a sociedade em que vivemos e que as capacidades de investigação crítica da Teoria da Cultura nos ajudam a dar sentido às nossas experiências e a nos tornarmos estudantes empenhados ao longo da vida, como já referi.

Para atingirmos esses objectivos, temos de fazer as perguntas e explorar as questões que mais importam, lutando para que haja uma maior compreensão e percepção da humanidade, procurando o significado da nossa vida, construindo pontes e associações e desenvolvendo capacidades e oportunidades, que façam de Portugal um país e do mundo um universo em que gostamos de viver. A fim de alcançarmos esse propósito, precisamos de juntar as pessoas à volta da sua Cultura e História e de, todos os dias, nos questionarmos: "O que é necessário para criar um estado de espírito aberto?". Para que tal aconteça, parece-

me que se devem promover as Humanidades para que sejam consideradas como modos relevantes e plenos de significado para se compreender a condição humana e para nos ligar



uns aos outros.

Com o intento de promover as Humanidades e de demonstrar que a contemplação de grandes obras de arte do passado também nos pode fazer reflectir sobre questões científicas e que, até ao século XVII, a arte e a ciência estavam "unidas", tendo muitos dos pintores conhecimentos em óptica, anatomia e ciências naturais, antes de terminar, evoco a grande figura de Francisco de Holanda (c. 1517-84)<sup>28</sup>, o extraordinário pintor e escritor do século XVI, que foi enviado para Roma como embaixador artístico de D. João III, tendo sido aluno de Miguel Angelo, e incluo reproduções de duas das suas pinturas<sup>29</sup> que – além de extraordinárias - demonstram as minhas afirmações.



Exemplo do interesse do pintor pela geometria, pelas formas triangulares e sua relação com o círculo

<sup>28</sup> Vidé Francisco de Holanda, *De aetatibus mundi imagines* (1543–1573), *Da pintura antiga* (Lisboa, 1548) e *Dialogues with Michelangelo* (Pallas Athene, 2007) recentemente publicada numa magnífica tradução de Charles Holroyd, o Director da National Gallery de Londres .

<sup>29</sup> Vidé *De aetatibus mundi imagines* (1573), Biblioteca Nacional de Espanha.



O universo ptolomaico e o seu Criador (1573)

Concluo estas reflexões com duas citações de Fernando Pessoa por me parecer que dificilmente poderia encontrar palavras mais adequadas para sinteticamente exprimirem os pensamentos que expus ao longo deste artigo:

"Há uma erudição do conhecimento, que é propriamente o que se chama erudição, e há uma erudição do entendimento, que é o que se chama cultura. Mas há também uma erudição da sensibilidade. A erudição da sensibilidade nada tem a ver com a experiência da vida. A experiência da vida nada ensina, como a história nada informa. A verdadeira experiência consiste em restringir o contacto com a realidade e aumentar a análise desse contacto. Assim a sensibilidade se alarga e aprofunda, porque em nós está tudo; basta que o procuremos e o saibamos procurar."<sup>30</sup>

Do conto inédito recentemente publicado com o título "Uma Tarde Clerical"<sup>31</sup>, cito, do diálogo entre o padre jesuíta, Eusébio Quelhas, e um livre-pensador nos tempos da I República, as frases com que termino:

"A Ciência tem boas pernas, mas a fé, meu amigo, tem asas. Por mais que a ciência corra, a fé apanha-a sempre, ajudada das asas nos pés".  
"Também o voar cansa"  
"É então a ocasião de voltar à terra e a correr."

<sup>30</sup> Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*. Vol. II, Lisboa: Ática, 1982, p. 389.

<sup>31</sup> Fernando Pessoa, *A Estrada do Esquecimento e Outros Contos*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.

BIBLIOGRAFIA SELECTIVA

- Adorno, Theodor, *Erziehung zur Mündigkeit. Vorträge und Gespräche mit Hellmuth Becker 1959-1969*, Frankfurt am Main: Gerd Kadelbach, 1970.
- Berger, John, *Ways of Seeing*, London: Penguin Classics, 2008, [<sup>1</sup>1990].
- Feyerabend, Paul, *The Tyranny of Science*, London: Polity, 2011.
- Heidegger, Martin, "The Age of the World Picture" in *The Question Concerning Technology and Other Essays*, Harper Torchbooks, 1977, pp. 115-154.
- Holanda, Francisco de, *De aetatibus mundi imagines (1573)*, Biblioteca Nacional de Espanha.
- Nussbaum, Martha, *Cultivating Humanity – A Classical Defense of Reform in Liberal Education*, Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1997.
- Pessoa, Fernando, *A Estrada do Esquecimento e Outros Contos*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.
- , *Livro do Desassossego*, Lisboa: Tinta da China, 2014.
- Russell, Bertrand, *On Education*, London: Routledge, 2009 [<sup>1</sup>1926].
- , *Fact and Fiction*, London: Routledge, 2009 [<sup>1</sup>1961].
- Sagan, Dorion, *Cosmic Apprentice – Dispatches from the Edges of Science*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.
- Weber, Samuel, "The Future of the Humanities: Experimenting" in *Culture Machine*, Vol 2, 2000
- "The Future Campus: Destiny in a Virtual World", *Journal of Higher Education Policy and Management*, Vol. 21, Issue 2, 1999, pp. 151-164.
- Wilson, E. O., *Consilience: The Unity of Knowledge*, Vintage, 1998.